



## **Inovatio Juris**

*Inovatio Juris Journal*

1(1): 17-36, 2022

ISSN: 2764-6300

### **Artigo**

# **UMA RELEITURA DO ESCRAVISMO COLONIAL DE JACOB GORENDER: A PERSISTÊNCIA DA EXCLUSÃO DO NEGRO NO BRASIL<sup>1</sup>**

A REVIEW OF JACOB GORENDER'S COLONIAL SLAVERY: THE PERSISTENCE OF THE BLACK EXCLUSION IN BRAZIL

Recebimento do original: 15/08/2022

Aceitação para publicação: 21/09/2022

### **Matias Vinicius de Melo Santos**

Graduando em História pela Autarquia de Ensino Superior de Arcoverde – AESA. E-mail: matiasvinicius4@gmail.com

### **Mauricio de Siqueira Silva**

Graduado em Ciências Econômicas pela UFRPE. Mestre em Extensão Rural e Desenvolvimento Local. Pós-Graduando em Gestão Pública pelo IFPE, com curso de extensão em Projetos pela UFRPE e curso de extensão em Gestão da Inovação pela UFAL. Professor de economia e negócios da Autarquia de Ensino Superior de Arcoverde e tutor dos cursos de Administração e Contabilidade da UFPE - Modalidade a distância. E-mail: mauricio.uast.ufrpe@hotmail.com

---

<sup>1</sup> Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como parte dos requisitos necessários a obtenção do título de Licenciatura Plena do Curso de História, pela Autarquia de Ensino Superior de Arcoverde – AESA.



**RESUMO:** A presente pesquisa teve como objetivo estudar questões referentes a contribuição de Jacob Gorender no que diz respeito a análise do escravismo no Brasil. Como objeto de estudo, analisamos o livro *escravismo colonial*, de Gorender, visto que sua produção é consagrada como leitura obrigatória para estudantes e pesquisadores no ramo das ciências sociais e no que diz respeito ao movimento negro e suas transformações, servindo como referência para inúmeros trabalhos sobre o modo de produção colonial e o escravismo. Em determinado momento colocamos em comparação o racismo em nossa sociedade, que mesmo após anos de “liberdade” se faz presente na vida da população negra, implicando diretamente nas suas maneiras de viver; quase sempre associados aquilo que é perigoso e inferior. Além de questionar: por que negros são minoria nas universidades mesmo sendo maioria da população brasileira? Por que são representados em maior número nas prisões? Esse estudo é uma pesquisa qualitativa do tipo bibliográfica e bibliométrica, sendo assim, procuramos estudar as raízes do problema para entendermos o todo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Escravidão, Gorender, Desigualdade, Negro.

**ABSTRACT:** The present research aimed to study questions regarding the contribution of Jacob Gorender regarding the analysis of slavery in Brazil. As an object of study, we analyzed the book *Escravismo Colonial*, by Gorender, since its production is consecrated as mandatory reading for students and researchers in the field of social sciences and with regard to the black movement and its transformations, serving as a reference for numerous works. on the colonial mode of production and slavery. At a given moment, we compared racism in our society, which even after years of “freedom” is present in the lives of the black population, directly implying in their ways of living; almost always associated with what is dangerous and inferior. In addition to questioning: why are blacks a minority in universities even though they are the majority of the Brazilian population? Why are they represented in greater numbers in prisons? This study is a qualitative research of the bibliographic and bibliometric type, therefore, we seek to study the roots of the problem to understand the whole.

**KEYWORDS:** Slavery, Gorender, Inequality, Black.



## 1. INTRODUÇÃO

O escravismo se fundamenta enquanto elemento crucial da organização econômica das colônias, se caracterizando enquanto modo de produção. Nesse momento atende aos ideais capitalistas, servindo de base para a acumulação do capital. Nessa perspectiva vai abranger dois tipos de escravidão: a indígena e a negra africana. A primeira, oriunda dos nativos que aqui habitavam, já em relação a segunda, estes foram trazidas da África para atender as necessidades da produção que aqui se iniciava. É nesse horizonte que Jacob Gorender vai trabalhar em Escravismo Colonial, de sua autoria, entendendo a colônia de exploração, na fabricação de diversos produtos, alimentos e matérias-primas. Dentre os mais destacados, o açúcar, produto que envolvia uma sofisticada tecnologia de produção.

Em relação ao próprio sistema escravista é importante considerar as mudanças que foram vivenciadas no âmbito da sociedade. Todo o trabalho era administrado pelos fazendeiros (dono de escravos), de maneira que era desenvolvido pelos escravos – embora não tivessem autonomia alguma em relação a isso. Essas questões respeitavam o tamanho da plantação (ou plantagem, como afirma Gorender) e o contingente de mão-de-obra disponível. Além disso, respeitava-se todos os nuances relacionados a preparação da terra, seu cultivo e a consequente venda.

É importante adentrar na visão que fez com que negros fossem escravizados. Ao considerar esse público inferior e passível apenas de deveres, o ser humano estabelece uma relação de dominação com sua própria espécie. Entre nós, no que diz respeito ao Brasil, foi uma questão



étnica discriminatória bastante presente no seio da colonização e que pendura até os dias atuais, mesmo que de maneira diferente. Em nosso país muitas foram as práticas desumanas impostas para os negros e negras. Eram extremamente conhecedores das minas, das cidades, da agricultura, da terra e das plantações, pois estavam em toda parte. A necessidade fez com que muitos se tornassem barbeiros, costureiros, cozinheiros etc. Também foram músicos, uma vez que sua arte se fazia presente na paisagem urbana através das imposições que foram deixadas pelos seus senhores.

Sendo assim eram excessivamente importantes para o desenvolvimento das colônias, de maneira que seus trabalhos eram fundamentais. Submissos, ofertavam conhecimentos oriundos de seus antepassados, mas que poderiam ser conferidos de maneira livre, entendendo o campo da necessidade de suas contribuições. A história nos mostra que foram de descontentamento a isso e nesse sentido estudamos os motivos pelos quais os negros foram e continuam sendo excluídos da sociedade. Por qual motivo, mesmo após anos de libertação, poucos são vistos em locais de prestígio.

Nesse sentido, pensamos nos aspectos que relacionam o negro ao criminoso e como ainda persiste no âmbito de sua exclusão. De que maneira o protagonismo negro se torna efetivo e representativo apenas nos espaços de inferioridade, como nas prisões. E pouca participação nas escolas, nas universidades e em locais de maior prestígio. A escravidão e seu sistema opressor deixa de existir, mas as raízes do problema permanecem vivas mesmo após décadas. Persistindo, diretamente, na sua exclusão.



## 2. PROCESSO METODO LÓGICO

Esta pesquisa é um estudo qualitativo do tipo bibliográfica e bibliométrica (FLICK, 2009) A análise bibliométrica examina material bibliográfico a partir de uma perspectiva quantitativa objetiva, que é útil para organizar informações em um campo temático específico (MERIGÓ et al., 2015). A partir de uma atividade de análise, constituídas em um conjunto de práticas interpretativas e materiais referente ao livro *Escravidão Colonial*, de Jacob Gorender. Nesse contexto, o trabalho envolveu um caráter explanatório. Além de considerar narrativas de fontes históricas, entendendo sua complementação em relação ao material proposto.

Poucos são os livros que oferecem uma visão geral da escravidão no Brasil e Gorender traz uma discussão interessante para discutirmos as raízes do racismo. Nas primeiras páginas, o autor entrega um trabalho direto e incisivo, auxiliando na análise e interpretação de um conteúdo necessário a compreensão de uma questão ligada a transformações históricas, políticas e sociais no que diz respeito a uma comunidade marginalizada. Explorando o material, é nítida a percepção de uma grande contribuição a historiografia brasileira.

Levando em conta toda essa discussão acima, além do objeto em análise, foram levantados diversos questionamentos referentes a contemporaneidade, como por exemplo: por que negros são minoria nas universidades mesmo sendo maioria da população brasileira? Sua representação em locais de prestígio, como cinema, televisão, rádio, dentre outros? O que é valorizado? Esses levantamentos serviram de objeto de



estudo para a realização desse material. Nesse sentido, a análise de documentos como jornais, dados e estatísticas, também fizeram parte da pesquisa.

### **3. DESENVOLVIMENTO**

#### **3.1 JACOB GORENDER E O ESCRAVISMO COLONIAL**

Jacob Gorender, nascido em 20 de janeiro de 1923, na cidade de Salvador, e morto em 11 de junho de 2013, em São Paulo, foi um dos maiores intérpretes da formação social brasileira, na qual contribuiu efetivamente para com pesquisas relacionadas ao escravismo. Teve infância pobre, vivendo em cortiços maior parte de sua juventude. Ingressou na faculdade de direito na sua cidade natal, mas abandonou os estudos para lutar na Segunda Guerra Mundial. Após sua volta, se associa ao Partido Comunista Brasileiro (PCB) se transformando em um dos mais destacados intelectuais do partido, dirigindo revistas, jornais e cursos. Perseguido durante a ditadura militar, tem a ideia de escrever sobre a história brasileira ainda na prisão, que viria a se tornar fato na publicação de livros e artigos consagrados nacionalmente.

O trabalho de Jacob Gorender nos convida a conhecer a inserida da escravidão como elemento crucial na organização econômica das colônias, na América do Sul e principalmente no Brasil. Com a “descoberta” de Pindorama, chamada assim pelos nativos que aqui habitavam, inicia-se a





exploração da terra, ao mesmo passo em que os negros foram trazidos do continente africano para complementarem a mão-de-obra escravagista.

Nesse momento, é importante contextualizar a ideia de “descobrimento”, levando em consideração que aqui havia milhares de povos originários presentes antes da conquista. De acordo com Priore e Venancio, (2016, p.19)

Da caravela, o capitão-mor e seu escrivão, Caminha, observavam batéis e esquifes que seguiam em direção à terra. Na praia, dois, três e logo dezoito ou vinte homens gesticulavam [...] os registros se sucederam na pena de Caminha: logo demonstraram ser pacíficos. Quando os portugueses se aproximaram, deitaram no chão os arcos e flechas impregnadas de veneno sumo de mandioca.

Elaborado por Jacob Gorender, o escravismo colonial se caracteriza como o modo de produção durante o período de colonização no Brasil. Esse escravismo se desenvolve num sistema de plantagem, entretanto, o termo mais utilizado seja o *plantation*, que seria a unidade de produção que unia o latifúndio, o regime escravista e a produção para o mercado externo. Nesses espaços se produziam as “commodities” para exportação, levando em consideração que a produção agrícola brasileira se direcionava para o mercado global.

O açúcar foi uma das primeiras mercadorias agrícolas do Brasil. O seu engenho envolvia plantações de cana e uma sofisticada tecnologia que exigia um nível considerável de manuseamento. O processo relacionado ao plantio, colheita e transporte, além das moendas na qual o material era triturado, movidos pela força animal ou escrava, e a atividade ligada à fervura do caldo, depois sua purificação e engrossamento, fazia com que



esse processo estivesse a frente do tempo, levando em consideração o grande número de exportações ligado a produção e a inexistência de máquinas mais eficazes que pudesse facilitar esse trabalho. “Graças ao açúcar, o Brasil se tornara fonte de imensa riqueza que Fernandes Brandão tinha razão de julgar mais rendosa e promissora do que a da Índia. Ao mesmo tempo, uma nova sociedade se constituía e se implantara firmemente no ambiente da Colônia portuguesa.” (GORENDER, p. 144)

Outras atividades escravistas eram essenciais para o processo de produção nas colônias. Plantação de alimentos para consumo, cuidar dos animais e dos afazeres domésticos, na fabricação de roupas, aparelhos de trituração e produzir a cana de açúcar, dentre muitas outras funções que eram direcionadas aos negros, uma vez que tudo era produzido lá mesmo. Importante contextualizar que havia divisão do sistema de trabalho na época, levando em consideração que pessoas com mão de obra qualificada eram em maioria livres e assalariados.

A sociedade estava dividida entre os senhores de terras, sendo portugueses, os indígenas, nativos, e os africanos, escravizados, que complementavam a mão de obra oferecendo o serviço mais pesado. Havia os homens livres, embora esses não tivessem posses. Nesse momento, as cidades foram crescendo em torno dos espaços mais movimentados como Recife, Salvador e Rio de Janeiro, dando possibilidade para a expansão do comércio, assim como nascia uma administração política e religiosa. Eram levantadas fortalezas, câmaras, prédios de administração e igrejas, que foram e continuam sendo símbolos do período colonial, uma vez que a escravidão foi “sancionada” pela Instituição Católica. “Os jesuítas, em particular, não só recomendaram o emprego de africanos no Brasil como





exploraram escravos negros em suas numerosas plantagens e fazendas de gado e auferiram rendimentos do tráfico, inclusive de sua prática direta na África.” (GORENDER, p. 136)

Outra atividade importante que promoveu a economia colonial foi a revelação de ouro e pedras preciosas em Minas Gerais, no século XVIII. A descoberta trouxe muitos benefícios econômicos para a região, expandindo ainda mais o império colonial. A mineração proporcionou a criação de cidades nas regiões das minas e a consequente comercialização do ouro fez com que fossem criados portos para facilitar a exportação. Esses trabalhos eram efetivados a partir de escravos, entregues a condições insalubres e fatigantes, embora muitos conseguissem, nesse momento, conquistar a liberdade. Conforme coloca Celso Furtado:

Se bem que a base de economia mineira também seja o trabalho escravo, por sua organização geral ela se diferencia amplamente da economia açucareira. Os escravos em nenhum momento chegam a constituir a maioria da população. Por outro lado, a forma como se organiza o trabalho permite que o escravo tenha maior iniciativa e que circule num meio social mais complexo. Muitos escravos chegam mesmo a trabalhar por conta própria, comprometendo-se a pagar periodicamente uma quantia fixa a seu dono, o que lhes abre a possibilidade de comprar a própria liberdade. Esta simples possibilidade deveria constituir um fator altamente favorável ao seu desenvolvimento mental. (p. 93)

Depois do declínio na produção do açúcar e finalizado os trabalhos nas minas, o café passou a ser a principal fonte de produção e exportação. Avaliadas pelo critério do plantio de escravos, as fazendas de café do século XIX foram certamente as plantagens de maiores dimensões (GORENDER, p. 98). A rotina dos trabalhadores, em maioria escravizados, trazidos por meio do tráfico negreiro, era limpar os terrenos, plantar e colher. Após a colheita, o café era exposto a uma série de seções, como exposição ao sol, para que ficassem secos, em seguida eram batidos e moídos em pilões. Uns



dos últimos momentos era o transporte, que nesse momento acontecia através de mulas.

A partir do vivenciado até aqui fica visível como a sociedade brasileira escravista passou por muitas adaptações. Era perceptível a diversidade, o surgimento de novas cidades e de centros mais dinâmicos e desenvolvidos, proporcionado a partir do capital, pautadas na exploração do trabalho escravo. Esse comércio foi durante muito tempo a principal forma de acúmulo de riqueza, levando em conta todos os nuances que favoreciam sua comercialização. Presente no cotidiano da Colônia, os afazeres eram muitos, dos mais miseráveis, ao mais desagradáveis, desde que fornecesse retorno aos seus senhores.

### 3.3 RACISMO E O/A NEGRO/A NA SOCIEDADE BRASILEIRA CONTEMPORANEA

A ideia de raça é uma construção que foi criada em determinado tempo e espaço, com características limitadas e consideravelmente distintas se comparadas ao modelo atual. As primeiras ideias sobre o conceito nos trazem a concepção de espécie, não havendo nenhum ligamento com a questão de cor da pele e/ou traços fenotípicos. No século XV, na Península Ibérica, inicia-se um debate questionando se negros e indígenas eram, de fato, humanos ou se pertenciam a classificação de animais. Ainda no século XVI, passa a constituir uma expressão de classes sociais. Por fim, após uma escalada de estudos, o negro e indígena foram finalmente considerados humanos. Fato que não bastou para que não fossem escravizados. A



escravidão conta com uma narrativa complexa, resultando em implicações diretas na população negra.

Para se falar sobre a cultura afro-brasileira não se poderia deixar de mencionar o período escravo que se constitui numa mancha difícil de apagar. É impossível se falar sobre a cultura dos negros, sua passagem pelo Brasil e seus dias atuais se não for escrito sobre a escravidão e suas conseqüências. Este estudo pretende abranger, entre outros assuntos, a escravidão, seus conhecidos males, sua travessia pelo Atlântico [...] LUNA, 1968, p. 16)

Pensar nas relações sociais, políticas e econômicas no Brasil nos leva a refletir sobre a marginalização da comunidade negra que a muito tempo luta por seus direitos de igualdade e liberdade, anos após uma falsa libertação. O fato de ter sido historicamente apagada, invisibilizada e entregue ao desconhecimento contribui bastante para com isso. Por muito tempo pendurou a ideia de não serem merecedores de sua própria história, mas fadados a abastecer os privilégios do homem branco. Falava-se sobre a escravidão, mas não como tinha sido imposta, maneira que Djamilia Ribeiro (2019), aponta "Disseram-me que a população negra era passiva e que "aceitou a escravidão" sem resistência. Também me contaram que a princesa Isabel havia sido uma grande redentora."

Em terras brasileiras os povos negros foram subalternizados de diferentes formas; fisicamente, psicologicamente, sexualmente e moralmente. A condição de vida era impiedosa, onde se alimentavam de restos, trabalhavam sob excesso em situações diversas e sequer tinham algum tipo de beneficência. Se adoecessem, dificilmente sobreviviam uma vez que eram vistos apenas como mercadoria e não como humanos que eram. Esse regime escravagista fora marcado por uma rotina cruel e de violência, onde sofriam das mais distintas maneiras.



A abolição da escravatura no Brasil não conseguiu livrar os negros da discriminação e suas consequências. Pelo contrário, os deixou “à mercê”, excluídos da sociedade e entregues à miséria. Esse sistema de opressão pendurou por décadas e foi responsável pelo surgimento das favelas, da pobreza e de uma grande subdivisão cultural.

Da cidade foi o negro, realmente, escorraçado. Com a intensificação da imigração, os trabalhadores estrangeiros, que gozavam da preferência dos empregadores, passavam a se concentrar nos centros urbanos mais desenvolvidos. A região sul, pelas suas condições climáticas e melhores possibilidades oferecidas pelo mercado de trabalho, foi a que mais atraiu o imigrante europeu. As cidades de São Paulo, Curitiba, e Desterro (hoje Florianópolis) foram, aos poucos, transformando velhos hábitos e costumes pelo processo de europeização. À medida que isso acontecia, aumentavam as dificuldades para negros e mulatos no mercado de trabalho, atingindo também os demais. (LUNA, 1968, p. 217)

Toda a história do Brasil que temos conhecimento, com poucas exceções, não investigou os aspectos de vida da raça negra de maneira completa. Por muito tempo, inclusive, a história da escravidão foi contada por brancos. Capitães de navios negreiros, viajantes que visitavam o Brasil ou a África e pessoas ligadas diretamente com os donos de engenho. No que corresponde a participação de negros nesses contos, os relatos são rasos. O principal quilombo do Brasil, Palmares, não tem nenhuma fonte a partir de quilombolas. Tudo que se sabe de Palmares são de relatórios e expedições militares enviadas ao local (GOMES, 2019).

Nos dias atuais muito se debate sobre o racismo e o preconceito vivenciado por esse grupo e de como está enraizado na sociedade, mas pouco se trabalha maneiras efetivas de combater essa perspectiva. Muitas são as práticas racistas e discriminatórias, embora nem todos tenham a visão de enxergá-las. Essa argumentação pode vir seguida de frases como



“não sou racista, tenho amigos que são negros”, ou até mesmo “a moça que trabalha lá em casa é negra e tratamos como se fosse da família”. “Nós brasileiros’, dizia-nos um branco, ‘temos o preconceito de não ter preconceito. E esse simples fato basta para mostrar a que ponto está arraigado no nosso meio social.’” (BASTIDE e FERNANDES, 1959, p. 164) Ao perceber essa argumentação é evidente que o racismo é um sistema enraizado na sociedade e cabe preencher essa lacuna.

Desde cedo, ainda enquanto criança, pessoas negras são levadas a pensar sobre sua condição racial. Nas escolas, a história do negro no Brasil é trabalhada a partir de descrever a escravidão e seus fenômenos de maneira superficial. Não há valorização do homem negro em sua infinitude, pois não se aprofunda a trajetória da raça negra em nosso país. Por isso o próprio ambiente se torna, muitas vezes, racista. Certa vez, Emicida, enquanto criança negra, disse, em documentário, que teve uma professora que separava os alunos por cor. “Era os pretos no fundo e os brancos na frente. Eu cresci numa escola de apartheid”, desabafa. Não havia sensibilidade com alunos pretos, de maneira que seu desenvolvimento ficava prejudicado.

No Brasil, 56,1 % dos habitantes são negros, segundo dados do IBGE. O que faz do país o segundo com mais pessoas negras na população. Muito embora pouco se tenha representação dessa comunidade em locais de prestígio. Na televisão, desempenham papel coadjuvante e com estereótipos ligados tradicionalmente ao negro, como sendo sambistas, moradores de favelas, presentes num espaço violento. Dhu Moraes, atriz de descendência africana, carrega em seu currículo uma vasta participação em novelas desempenhando o papel de empregada. De maneira geral,



estão associados a funções diversas a serviço de brancos, mas raramente numa posição de influência.

No que corresponde a política, pretos e pardos ocupam apenas um décimo do parlamento federal. Esta desconformidade pode ser ainda maior se observado os cargos ocupados nos governos municipais e estaduais. Um dos pilares de democracias representativas é a disposição de reflexo nas escolhas dos eleitores. A porcentagem é a mesma quando temos a representação de negros em cargos de chefia nas principais 500 empresas no país. Motivo que fez com que a rede de lojas Magazine Luiza criasse políticas que direcionam vagas apenas para negros. Além disso, ofertou um programa de bolsas para melhorar a formação de funcionários dentro da empresa. "O racismo estrutural está inconsciente nas pessoas", defende Luiza Trajano, proprietária da rede varejista.

O racismo estrutural está associado a uma ideia que discrimina pessoas em virtude de grupos sociais. A sociedade é estruturada de maneira a excluir um número substancial de minorias da participação em instituições sociais (JAMES, 1996). Ele fica bem visível quando não temos representação de negros em empresas ou em lugares específicos, entendendo que racismo não é uma apenas ideia, mas também se trata de ação. Não existe uma questão racial propriamente dita, mas ela gera um efeito que é aquele que conhecemos como exclusão e acaba produzindo e reforçando o preconceito em virtude da cor.

Essa compreensão se confirma ao compararmos a distinção de regiões predominantemente brancas em relação a de regiões periféricas. No primeiro momento temos a representação em espaços centrais, de classe





média e alta, arborizados, com acesso à cultura e lazer e com custo de vida elevado. Em detrimento que o acesso a renda é uma das políticas inexistentes na população negra, além de uma série de características que implicam nas suas vidas de maneira geral. A probabilidade de brancos serem abordados, investigados ou sofrer algum tipo de violência com a presença de negros é quase inexistente. A violência e abuso policial tem seu “público alvo”. O fato que comprova é o número de negros mortos ao longo dos últimos anos.

Nesse contexto nascem movimentos em busca de igualdade de direitos e no resgate daquilo que fora roubado da comunidade negra. O denominado movimento negro marca um incansável trabalho de busca pela valorização do homem e da mulher preta, apesar de existir uma diferença entre o tratamento dado entre esses e aqueles que fazem parte da branquitude. A característica principal do movimento é a luta contra o racismo e o resgate de direitos, em uma sociedade que é representada basicamente por brancos. Nisso, surgiu a luta pela igualdade entre todos, sem que a cor seja algo preponderante. Houveram muitos avanços, que foram conquistados e pagos muitas vezes com derramamento de sangue, na perda de um número incontável de vidas.

Considerando o que foi visto até então, trata-se de uma herança cultural, construída e transmitida em nossa sociedade no decorrer da história e muitos são os fatores que contribuíram para com isso. O tardar da abolição no Brasil e a falta de assistência com a comunidade negra tiveram implicações diretas no que diz respeito a isso. Por isso pessoas buscam cada vez mais atitudes igualitárias, colocando o negro em lugares que devem ocupar. A revalorização acontece no momento em que temos acesso fácil a



informação. O mês de novembro serve como vitrine para ser trabalho essa consciência e valorização, embora essa perspectiva deva ser efetivada todos os dias do ano, até que os negros ocupem seu lugar integral de prestígio na sociedade.

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O presente estudo teve como objetivo analisar a contribuição de Jacob Gorender no livro *Escravidão Colonial*. Tentou-se buscar o entendimento em relação ao material, além de inserir os aspectos cotidianos no que diz respeito a comunidade negra e as implicações relacionadas a esses povos que penduram até os dias atuais. Desse modo, procurou-se relacionar o escravismo colonial com o racismo estrutural e o percurso feito pelos negros desde sua captura e consequente escravidão até os dias atuais, de maneira que estão livres, mas perseguidos por “amarras” numa série de características que os associam enquanto algo criminoso.

O intuito de Gorender era chegar no povo, na organização popular e na luta política. Marxista desde sua adolescência, sua obra trabalha na perspectiva de retomada da classe trabalhadora, de maneira que reforçava o conceito de materialismo histórico, inserindo características a fórmula de Marx e o tornando mais associável ao perfil brasileiro, que se tratava de um método novo e específico, sendo diferente dos moldes do escravismo clássico. A sua contribuição vai contribuir efetivamente com os estudos relacionados a escravidão brasileira.



O escravismo deixou uma marca profunda na nossa sociedade. Até hoje o negro é tratado diferente, como aquilo que é inferior. Os negros são aquelas pessoas que dormem nos quartos de empregados, que frequentam elevador social e que a oportunidade de educação é diferenciada e que são públicos dos maiores índices de violência. Na maior parte do tempo são tratados de maneira diferente pela própria estrutura que deveria entendê-los como parte do todo: o Estado. Ser descendente de escravos africanos e ter pele escura faz com que sejam afetados de maneiras distintas; estão suscetíveis a violência, ao desemprego, a falta de saneamento, ao preconceito e ao descaso. Todas as questões tem origem histórica, que diz respeito ao escravismo.

Vivemos sob tempos demorosos atualmente, mas não podemos deixar esquecer das pequenas vitórias, que fazem dos negros e negras vencedores, mas que precisam de igualdade, direitos civis e culturais, para que possam estar livres refletindo sua existência. Para entender as questões que levaram a comunidade negra a serem escravizada se faz necessário analisar na história o contexto de luta e resistência desses povos. Como acontece a representação de negros presentes na sociedade brasileira e a compreensão de sua existência e história de sobrevivência.

De certo percebemos que há avanços no que diz respeito a objetivos a serem traçados, embora ainda não seja o suficiente. É necessária uma maior implementação de mecanismos que entregue aos negros aquilo que fora roubado, que possam viver em uma sociedade livre de discriminação, sem visões arcaicas que relacionam o homem preto aquilo que não presta e o racismo, enraizado na nossa sociedade, seja sucumbido.



Estamos vivendo em uma sociedade denominada sociedade do conhecimento e da informação (Araújo, 1996 e Malin, 1994). Com a inserção da tecnologia e conseqüentemente seu alto alcance de investigação, facilmente temos propriedade para conhecer universos distintos. Discriminação e preconceito, portanto, é ignorância e não desconhecimento. Considerar as pessoas pelos seus determinismos biológicos é algo ultrapassado.

Tendo o racismo ao nosso redor diariamente é importante entender que fazemos parte disso como um todo. Precisamos perceber e lutar contra esse sistema opressor vigente em nossa sociedade, de maneira que só será efetivado com a participação de todos, a partir do reconhecimento do problema e maneiras de se combater. Sabemos que é errado e por isso se torna ainda mais fácil eliminar algo que parece tão complexo. Não faz sentido, não tem graça, mas destrói a vida de muitos. Por isso é necessário compreender que é uma luta árdua, mas que feita em grupo colherá bons resultados. Qualquer um pode fazer e quem se beneficia são todos, em uma sociedade igualitária; onde negros serão representados em cargos altos nos seus empregos, ocupando as universidades e em todo e qualquer lugar que queiram estar. Como disse Platão "o importante não é viver, mas viver bem." Ou seja, é importante que a comunidade negra encontre qualidade de vida em seus espaços.

## REFERENCIAS

GORENDER, Jacob. **O escravismo colonial**. São Paulo: Ática, 1978.



DEL PRIORE, Mary; VENANCIO, Renato. **Uma breve história do Brasil**. 2ª ed. São Paulo: Planeta do Brasil, 2016.

GIBBS, G.; FLICK, U. (coord.). **Análise de dados qualitativos**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno Manual Antirracista**. São Paulo: Companhia das letras, 2019.

ARAÚJO, E. A. de. **Sociedade de informação: espaço onde o silêncio mora?** São Paulo: Associação Paulista de Bibliotecários, 1996.

MALIN, A. B. **Economia e política de informação: novas visões da história**. São Paulo em Perspectiva, 1994.

LUNA, L. **O negro na luta contra a escravidão**. Rio de Janeiro: Editora Leitura, 1968.

HENRIQUE, G; GORTÁZAR, N. G. **"Infelizmente, a história da escravidão é contada por pessoas brancas"**. Entrevista com Laurentino Gomes. Instituto Humanistas Unisinos, 2019. Disponível: <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/594520-infelizmente-a-historia-da-escravidao-e-contada-por-pessoas-brancas-entrevista-com-laurentino-gomes>>. Acesso em 18 set. 2021.

BASTIDE, R; FERNANDES, F. **Branco e negro em São Paulo**. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1959.

São Paulo: Portal UOL. Luiza Trajano fala de trainee: **'chorei ao entender racismo estrutural'**. Disponível em <<https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2020/10/05/luiza-trajano-fala-de-trainee-chorei-ao-descobrir-racismo-estrutural.htm>> Acesso em 25 set. 2021.

JAMES, Carl E.. **Perspectives on Racism and the Human Services Sector: A Case for Change**. 2nd Revised ed. [S.l.]: University of Toronto Press. p. 27, 1996.



MERIGÓ, José M.; GIL-LAFUENTE, Anna M.; YAGER, Ronald R. **An overview of fuzzy research with bibliometric indicators**. Applied Soft Computing, v. 27, p. 420-433, 2015.